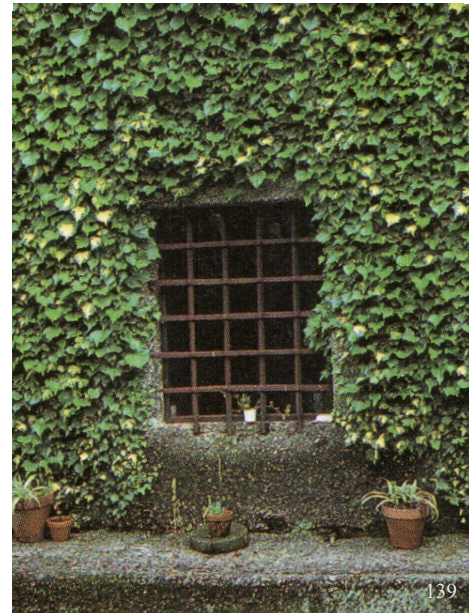


fazem as casas, as casas fazem os homens, o que justifica a manutenção, no novo edifício, de uma escala e de um ritual de espaços que, traduzindo a presença de um passado que seguramente não volta, aqui se recordam e utilizam pela actualidade do seu significado.”<sup>177</sup> Esta citação de Távora, retirada da memória descritiva do antigo Convento de Santa Marinha da Costa, atravessa todas as épocas ao reconhecer que em cada uma delas a realidade do tempo que representou é, e sempre será, representada na contemporaneidade.



<sup>177</sup> TÁVORA, Fernando, “Convento de Santa Marinha”, in TRIGUEIROS, Luiz, *Fernando Távora*, Lisboa: Editorial BLAU, LDA, 1993, p.116







Tal como na Casa da Covilhã, “na Casa de Briteiros tudo é desenhado pelo próprio Távora com acompanhamento directo em obra, na de Pardelhas, teve um colaborador. Isso faz alguma diferença.”<sup>178</sup> Na adaptação do uso da casa agrícola em Briteiros, Casa da Cavada, a uma casa de férias, Fernando Távora manifesta também na memória descritiva, a naturalidade com que pensa a arquitectura. “Feitos os primeiros esquiços sobre um levantamento sumário, contratado um pequeno empreiteiro local dominando as técnicas de construção tradicionais, utilizada a experiência de projecto pouco 'ortodoxo', rapidamente se iniciaram os trabalhos de recuperação.”<sup>179</sup>

Távora projecta sobre o construído em pleno domínio sobre a obra. Valoriza sobre o desenho técnico a presença e acompanhamento na obra na medida em que, como arquitecto, passa a ser o pilar estrutural da edificação de uma nova realidade. “A nova casa de férias [de Briteiros] nasceu, assim, de um acto projectual bem diferente do comum: visitas intensas aos trabalhos, decisões circunstanciais sempre sobre novos problemas com paralelo esforço de manutenção da unidade do trabalho, pouco desenhado de atelier, relação permanente com o dono da obra e com as várias artes da construção. Daqui a ausência quase completa de elementos desenhados do projecto plantas, alçados, cortes, pormenores muitos deles elaborados na própria obra, outros perdidos por descuido ou desinteresse.”<sup>180</sup>

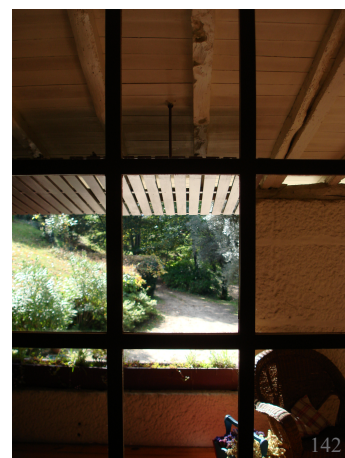
Nas três obras, Casa da Covilhã, Casa da Cavada e Casa de Pardelhas, Távora praticará “(...) uma experimentação projectual muito diferente da habitual que consistiu em frequentes deslocações à obra onde ia tomando decisões circunstanciais, mas sempre assumidas com simultâneo esforço de manutenção da unidade de trabalho (...) procurando articular, permanentemente, o trabalho dos responsáveis pelas diversas 'artes'.”<sup>181</sup> Como

<sup>178</sup> PACHECO, Pedro, *Entrevista a Pedro Pacheco*, Lisboa, 4 de Junho 2010 (em anexo p.192)

<sup>179</sup> TÁVORA, Fernando, “Casa de Férias em Briteiros”, in TRIGUEIROS, Luiz, *Fernando Távora*, Lisboa: Editorial BLAU, LDA, 1993, pp.159

<sup>180</sup> TÁVORA, Fernando, “Casa de Férias em Briteiros”, *Ibidem*, p.162

FERRÃO, Bernardo, “Recuperação da Casa da Covilhã”, in BECKER, Annette, TOSTÕES, Ana, WANG, Wilfried (concepção e realização), *Arquitectura do Século XX – Portugal*, Deutsches Architektur-Museum, Frankfurt, Centro Cultural de Belém, Lisboa, DAM Prestel, 1998, p.282





refere o arquitecto Fernando Barroso, “Destas casas quase não existem desenhos. São o que o arquitecto Távora dizia muitas vezes: ‘É um *projecto de bengala!*’ É o projecto em que o arquitecto vem e aponta com a bengala, ‘essa parede aí, tira. E esta aqui, temos que chegar mais para o lado. Aqui os degraus são mais estreitos...’

Os desenhos da Casa de Briteiros consistem em duas plantas e um alçado, feitos à caneta pelo arquitecto Távora. Eram os desenhos de obra! E pouco mais. Um outro desenho, feito na mesma altura, assinala a evolução da casa a partir da sua origem. Este foi um projecto feito com um pequeno empreiteiro local e alguns homens... Lembro-me que a escada foi marcada na parede com tinta azul. Isto é de uma simplicidade enorme, quero dizer, muita da parte construtiva era resolvida em obra.”<sup>182</sup>

“É obvio que este trabalho está completamente consolidado por toda a experiência que foi fazer o *Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa*, no Norte.

Ao conhecer estas casas percebe-se que todas elas tem uma mesma lógica. O que é interessante é que, apesar de serem feitas por não-arquitectos, há muitas coisas recorrentes, constantes, que têm a ver com a forma de viver, com a forma de lidar com a relação homem e animal, do trabalho do campo. Há coisas que são constantes na arquitectura popular. O facto de já se ter trabalhado numa casa destas é logo uma base de experiência para poder trabalhar em qualquer casa deste tipo.”<sup>183</sup>

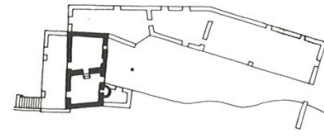
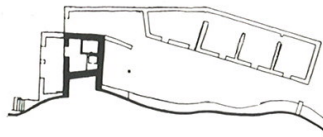
“Uma coisa interessante em Távora é que ele não tem pudor nenhum em repor um elemento do passado. A filosofia de reabilitação, a partir dos anos 70, da Escola Italiana é de que qualquer intervenção tem de ser claramente distinguida. Se for uma intervenção nova, deverá ser diferente no sentido de se perceber o seu tempo. Tem de se ler absolutamente o que é que é antigo e o que é que é novo, no sentido de preservar os vários momentos. (...)

Com (...) Távora, se é preciso repor uma parede e fazê-la como se fazia à 500 ou 400 anos atrás, e depois não se ver que foi feita agora, faz-se. (...) É uma leitura sem fundamentalismos no diálogo que se estabelece com as pré-existências. É sempre uma interpretação (...) feita com uma grande liberdade. As coisas funcionam como um todo.”<sup>184</sup>

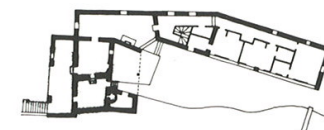
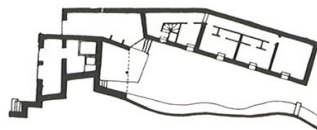
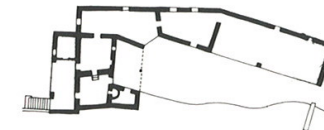
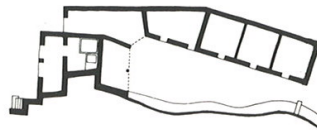
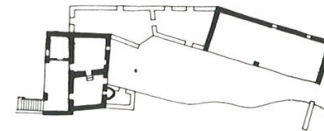
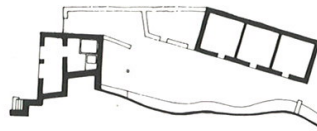
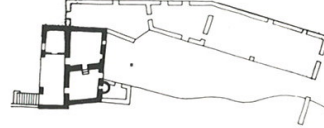
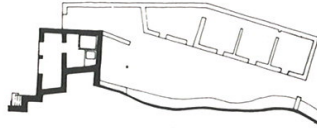
<sup>182</sup> BARROSO, Fernando, *Entrevista a Fernando Barroso*, Lisboa 7 de Julho 2010 (em anexo p.202)

<sup>183</sup> PACHECO, Pedro, *Entrevista a Pedro Pacheco*, Lisboa, 4 de Junho 2010 (em anexo p.192)

<sup>184</sup> *Ibidem* (em anexo p.189)

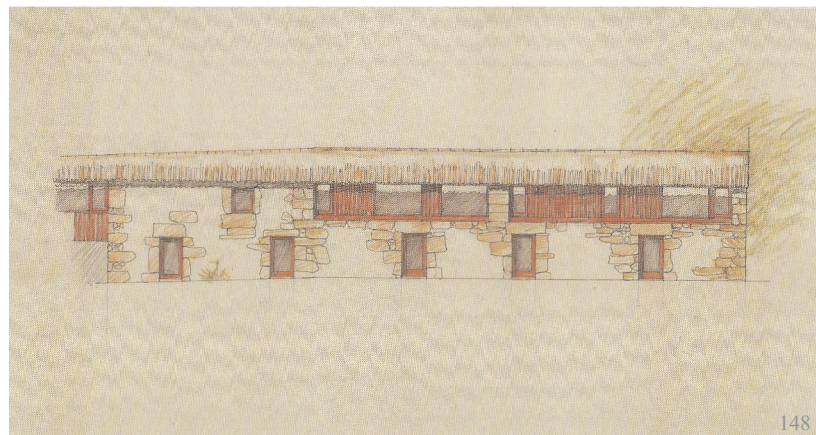


C 1650



1901

147



148



